

EDUCAÇÃO BASEADA EM PROJETOS

Pessoas com deficiência em foco

Caderno do aluno



Roteiros
pedagógicos para
trabalhar **democracia**
no ensino médio



FUNDAÇÃO
FERNANDO
HENRIQUE
CARDOSO

Índice

Sensibilização	3
Desenvolvimento	5
Passo 1: Investigação	6
Passo 2: Definição do problema	11
Passo 3: Ideação	15
Passo 4: Planejamento	18
Passo 5: Execução	21
Passo 6: Socialização	24



Sensibilização

Um convite especial

Feche os olhos por um instante e imagine: você sai de casa para ir à escola ou ao trabalho. Sobe calçadas inclinadas e esburacadas, espera o ônibus, atravessa ruas movimentadas, talvez entre em um mercado, uma praça ou uma farmácia. Agora, refaça esse mesmo percurso como se fosse uma pessoa com deficiência, alguém que precisa de rampas bem-feitas, piso tátil contínuo, ônibus acessíveis, elevadores em funcionamento, cardápios em braille, intérprete de Libras, sinais sonoros ou informações visuais.

Será que todas as calçadas têm o relevo tátil que facilita a mobilidade? Quantos ônibus oferecem espaço seguro para cadeira de rodas ou sinal sonoro para quem não enxerga? E será que os prédios públicos contam com rampas, elevadores e banheiros adaptados? Nos espaços culturais e de lazer, as pessoas com deficiência conseguem assistir a uma peça, acompanhar uma exposição ou participar de um show sem barreiras? E quando chegamos à escola, será que podemos entrar, circular, aprender e participar de verdade?

No Brasil, cerca de 17 milhões de pessoas vivem com alguma deficiência física, visual, auditiva, intelectual, psicossocial ou múltipla. Essa luta por direitos não começou agora. A [linha do tempo da Fundação FHC](#) mostra que, nos anos 1980, durante a redemocratização, pessoas com deficiência conseguiram dar visibilidade às suas reivindicações por participação ativa na sociedade, sob o lema “Nada sobre nós sem nós”. Em 1981, a ONU declarou o Ano Internacional das Pessoas Deficientes, o que impulsionou diversas mobilizações no Brasil. Poucos anos depois, a Constituição de 1988 incluiu, de forma transversal, os direitos fundamentais das pessoas com deficiência em áreas como educação, saúde e acessibilidade. Essa conquista do movimento social rompeu com a lógica segregadora de propostas baseadas em “tutelas especiais”.

Outros marcos reforçaram essa trajetória: o reconhecimento da Libras como língua oficial em 2002, a Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência em 2006 (que o Brasil incorporou com força de emenda constitucional em 2008), a criação do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite (2011) e, finalmente, a Lei Brasileira de Inclusão (2015), que consolidou muitos desses avanços. Todos esses momentos podem ser revisitados na [linha do tempo interativa da Fundação FHC](#).

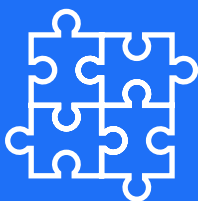
Ainda assim, a distância entre o que está escrito na lei e o que se vive nas ruas, nos prédios, nas salas de aula, nos transportes e até mesmo nas telas digitais ainda é grande. A cidade – e a escola como parte dela – deve ser um espaço onde cada pessoa, com suas singularidades, possa se mover, aprender, conviver, trabalhar e se divertir. Mas muitas vezes seguimos modelos padronizados, que ignoram necessidades específicas e silenciam diferenças. Isso não é apenas uma falha de infraestrutura, mas uma escolha coletiva: quando nada muda, estamos decidindo quem pode participar e quem será deixado de fora.

Incluir de verdade exige mais do que presença física. É preciso empatia, adaptação e vontade política. É garantir acesso ao transporte, ao lazer, à cultura, ao trabalho, à comunicação e, claro, à educação. É pensar em rampas e pisos táteis, mas também livros digitais acessíveis, legendas nos vídeos, tradutores de Libras, informação clara e linguagem inclusiva, entre outros. É compreender que acessibilidade é diversidade e que barreiras são sociais – e não individuais.

Por isso, este projeto começa com um convite: e se a gente decidisse construir juntos uma cidade que fosse realmente para todo mundo? Uma cidade que respeite as diferenças, celebre a diversidade e ofereça condições para que todas e todos possam circular, aprender, trabalhar, se divertir e viver com dignidade?

Este PBL te convida a mergulhar nesse desafio. Vamos ouvir vozes que geralmente não são escutadas. Vamos mapear barreiras que existem por descuido, silêncio ou exclusão. E vamos imaginar, juntos, ações concretas para transformar o hoje e construir um amanhã mais justo e acessível.

Você está pronto para escutar, aprender e atuar? Então vamos juntos!



Desenvolvimento

Chegou o momento de transformar a sensibilização em ação. Nesta etapa, vocês são convidados a investigar como os direitos das pessoas com deficiência são garantidos (ou negados) nos espaços que frequentam. O objetivo é identificar barreiras, propor alternativas e compreender que a acessibilidade é um direito garantido por lei e um compromisso ético de toda a sociedade.

A partir de agora, vocês vão colocar a mão na massa, buscando desenvolver soluções práticas para as questões que foram levantadas. Dessa forma, terão a oportunidade de se aprofundar no tema de pessoas com deficiência, explorando como as ações criadas podem fazer a diferença em sua comunidade. A ideia não é apenas pensar em soluções para problemas distantes, mas também em como essas soluções podem ser aplicadas em seu próprio contexto, seja na escola ou no dia a dia.



SeventyFour/istockphoto



Passo 1:

Investigação

Chegou o momento de mergulhar a fundo no tema do projeto!

E para criar soluções realmente eficazes é necessário que a gente entenda o problema que queremos resolver de forma profunda e completa. Mas como podemos fazer isso? Observando, perguntando, pesquisando e analisando!

Nesta etapa, você vai trabalhar como um verdadeiro detetive, buscando pistas em diferentes fontes – sejam relatos, notícias, artigos e até mesmo o que você observa no seu cotidiano. O objetivo é ir além do senso comum, desvendando a complexidade do problema, para que a solução desenvolvida esteja alinhada às necessidades reais da comunidade que você pretende atender.

Ao final desta etapa você terá mais clareza do desafio que pretende enfrentar e estará pronto para o próximo passo. Então, mãos à obra: observe, escute, questione e descubra!

Atividade 1 – Detetives da Inclusão

Você vai iniciar sua investigação explorando o tema em diferentes fontes e no seu próprio cotidiano.

ETAPA 1 – Investigação inicial

1. Observação pessoal: anote situações do dia a dia em que você percebe barreiras para pessoas com deficiência (na escola, no transporte, na rua, no cinema, em aplicativos digitais, etc.).
2. Exploração histórica: acesse a [linha do tempo da Fundação FHC](#) sobre pessoas com deficiência. Escolha três marcos históricos que considera importantes e explique por que chamaram sua atenção.
3. Busca em notícias: procure uma notícia recente que mostre avanços ou dificuldades relacionadas à inclusão de pessoas com deficiência. Faça um breve resumo.
4. Reflexão inicial: a partir do que você observou e pesquisou, escreva três perguntas que você ainda tem sobre o tema e que poderiam orientar o seu projeto.
5. Faça um registro que mostre seu percurso de investigação inicial.

ETAPA 2 – Escuta ativa: histórias de vida

A ideia dessa etapa é valorizar experiências reais de pessoas com deficiência, compreendendo como barreiras sociais, arquitetônicas e culturais impactam sua vida cotidiana.

1. Roteiro de escuta

Com seu grupo, discuta e reflita sobre as perguntas a seguir.

- a. Quais espaços você frequentou no seu dia a dia e como se sentiu em cada um deles?
- b. Quais foram os maiores obstáculos que encontrou?
- c. Houve momentos em que se sentiu acolhido ou incluído?
- d. Que mudanças acredita que fariam diferença na sua rotina?

2. Convidado(a) ou relatos

- Convide uma pessoa com deficiência para compartilhar sua história, presencial ou virtualmente;
- Como alternativa, utilize entrevistas, vídeos, podcasts ou blogs de pessoas com deficiência, garantindo diversidade de experiências (deficiências físicas, visuais, auditivas, intelectuais, múltiplas).

3. Registro detalhado

Peça aos estudantes que anatem três dimensões da experiência:

- Fatos: o que aconteceu, quais barreiras ou recursos estavam presentes;
- Sentimentos: como a pessoa se sentiu em cada situação;
- Reflexões: quais aprendizados ou críticas surgiram a partir da experiência.

4. Roda de conversa e análise coletiva:

- Cada grupo compartilha as histórias que registrou, destacando barreiras mais comuns, soluções criativas encontradas pelos entrevistados e emoções percebidas;
- Vocês devem diferenciar barreiras físicas (calçadas, rampas, transporte), barreiras comunicacionais (informações em braille, Libras, legendas) e barreiras atitudinais (preconceito, exclusão);
- Em um quadro coletivo, anatem os padrões, problemas recorrentes e sugestões de soluções.

5. Síntese reflexiva:

- Cada estudante ou grupo produz um relato sintético: o que aprendeu, o que o surpreendeu e quais mudanças concretas poderiam melhorar a vida das pessoas com deficiência nos diferentes espaços analisados;
- Essa síntese servirá como insumo para o próximo passo do projeto (ideação de soluções).

Sugestão de aprofundamento:

- Para aprofundar, compare as experiências pessoais com dados da linha do tempo da Fundação FHC ou de pesquisas oficiais (IBGE, Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, etc);
- Em seguida, debata com seus colegas como o avanço legal nem sempre se traduz em mudanças práticas no cotidiano, conectando a atividade à ideia de barreiras invisíveis."

Atividade 2 – Mapeamento do espaço cotidiano

Chegou o momento de colocar a mão na massa e investigar a fundo sobre os desafios para uma inclusão efetiva. Nesta atividade você vai observar, registrar e analisar barreiras e recursos de acessibilidade nos espaços ao seu redor, conectando a vivência local com a trajetória histórica e legal dos direitos das pessoas com deficiência.

ETAPA 1 – Preparação da turma

Antes de começar, vamos relembrar um pouco do panorama histórico e legal da luta das pessoas com deficiência no Brasil, usando referências da [linha do tempo da Fundação FHC](#), como:

- Década de 1980: Ano Internacional das Pessoas Deficientes, criação da CORDE, primeiro Centro de Vida Independente;
- Constituição de 1988: inclusão dos direitos das pessoas com deficiência em diversos capítulos (educação, saúde, trabalho, etc.);

- Leis de acessibilidade nos anos 1990 e 2000 (Leis nº 10.048 e 10.098), reconhecimento da Libras, criação de políticas nacionais de inclusão;
- Lei Brasileira de Inclusão (2015) e outros avanços recentes.

Discuta com seus colegas sobre como esses marcos legais transformaram (ou não) a realidade cotidiana: o que é previsto na lei versus o que se vê no bairro, na escola ou nos espaços públicos.

ETAPA 2 – Planejamento da saída de campo

No percurso escolhido com ajuda do seu (sua) professor(a), observe as ruas, calçadas, transportes públicos, prédios, praças e espaços culturais.

Utilize o guia de observação entregue pelo seu(sua) professor(a) para relacionar os elementos do espaço com direitos garantidos pela lei e referências históricas, como:

- a. Rampas e inclinações de calçadas → referência às políticas de acessibilidade da década de 2000 (Leis 10.048/10.098, Decreto da Acessibilidade de 2004);
- b. Piso tátil → princípios da Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006);
- c. Banheiros adaptados → direitos de inclusão e dignidade reconhecidos na Constituição e na Lei Brasileira de Inclusão (2015);
- d. Sinalização visual e sonora → evolução das políticas de inclusão comunicacional, reconhecimento da Libras (2002) e dispositivos de comunicação acessível.

ETAPA 3 – Registro das observações

Ao longo do percurso, anote detalhadamente suas observações:

- a. Barreiras: rampas quebradas, calçadas irregulares, falta de piso tátil, ausência de elevadores, entradas inacessíveis;
 - b. Recursos: rampas funcionais, sinais sonoros em semáforos, transportes adaptados, espaços culturais acessíveis.
- Você deve utilizar fotografias, desenhos, vídeos curtos ou anotações detalhadas, relacionando cada observação a leis, políticas e marcos históricos.

ETAPA 4 – Análise e discussão coletiva

De volta à sala de aula, você e seus colegas devem organizar um mural coletivo com os registros:

- Marque em cores diferentes os pontos positivos e barreiras encontradas;
 - Peça aos alunos que relacionem cada barreira ou recurso com marcos legais ou históricos, por exemplo: “Lei Brasileira de Inclusão garante acessibilidade, mas este prédio ainda não tem rampa”.
- Debata com seus colegas sobre:
- Com base na linha do tempo histórica, o que mudou ao longo do tempo?
 - Quais direitos previstos ainda não se concretizam na prática?
 - Como a sociedade pode avançar para que a lei se transforme em realidade cotidiana?

ETAPA 5: Síntese da atividade

Agora chegou o momento de produzir um relatório ou mapa visual conectando as barreiras observadas com leis, políticas públicas e avanços históricos. Esse material servirá de base para a ideação de soluções no PBL, mostrando onde é mais urgente agir e como a história e a legislação existente ajudarão nesse processo.



Passo 2:

Definição do problema

Agora que você investigou o tema, é hora de organizar suas descobertas e definir o problema que deseja resolver. Lembre-se: para criar soluções eficazes, precisamos entender claramente qual barreira existe, para quem e em que contexto.

Neste passo você vai:

1. Revisar os registros de observação, entrevistas, fotos, relatos e pesquisas coletadas;
2. Identificar padrões e recorrências nos problemas observados;
3. Relacionar as barreiras aos direitos e leis existentes, utilizando a [linha do tempo da Fundação FHC](#): da Constituição de 1988 às leis de acessibilidade e à Lei Brasileira de Inclusão (2015);
4. Formular o problema de forma clara e objetiva e criar a pergunta central do seu projeto.

Atividade 1 – Perguntas que despertam soluções

Após o processo de investigação, chegou a hora de escolher um problema específico, relevante e que seja possível de ser abordado com os recursos e tempos disponíveis para o projeto.

O objetivo dessa atividade é transformar a investigação em um problema claro, centrado nas necessidades reais da comunidade.

Como fazer:

1. Cada grupo deve reunir os dados coletados durante a investigação (Passo 1);
2. Criar um quadro do problema, contendo:
 - a. **Contexto:** Onde o problema acontece (escola, transporte, lazer, trabalho, espaço público, etc.)?
 - b. **Barreira:** Qual é a dificuldade específica observada?
 - c. **Pessoas afetadas:** Quem é impactado?
 - d. **Referência legal/histórica:** Qual direito ou lei existe para proteger essas pessoas (usar a linha do tempo da Fundação FHC)?
 - e. **Impacto:** Como essa barreira afeta a vida cotidiana das pessoas com deficiência?
3. Cada grupo deve apresentar seu quadro para a turma, promovendo uma discussão sobre quais problemas são mais urgentes ou estratégicos para resolver;
4. Finalize com a definição do problema central de cada grupo, que servirá de ponto de partida para a criação da pergunta norteadora e para o Passo 3 – Ideação de soluções.

Atividade 2 – Painel de Impacto

Uma estratégia interessante para a seleção do problema de trabalho é a análise do impacto de cada fator observado no período de investigação.

O objetivo dessa atividade é selecionar um problema de trabalho a partir do impacto dos problemas observados durante o processo de investigação.

ETAPA 1 – Preparação

Você será alocado em um grupo de trabalho. Seu professor irá entregar ao seu grupo um quadro ou cartolina dividido em duas colunas: “Problema/Barreira” e “Impacto na vida da pessoa”. Este material será a base para a atividade.

ETAPA 2 – Registro dos problemas

Seu grupo deve registrar os problemas observados e identificados nas atividades anteriores, como:

- Calçadas sem rampas ou com piso irregular;
- Falta de sinalização sonora em semáforos;
- Elevadores quebrados ou inacessíveis;
- Conteúdos escolares ou documentos não adaptados (braille, áudio, Libras);
- Ausência de intérpretes de Libras em eventos culturais.

ETAPA 3 – Análise do impacto

Depois de identificar os diversos problemas encontrados na fase de investigação, você e seu grupo devem descrever o impacto real que cada um destes problemas representam na vida das pessoas com deficiência:

- Exemplo 1: calçada irregular → dificuldade de locomoção, risco de acidentes, isolamento social;
- Exemplo 2: falta de intérprete → impossibilidade de acompanhar aula ou palestra, sensação de exclusão;
- Exemplo 3: transporte inacessível → limita oportunidades de estudo ou trabalho, aumenta a dependência de terceiros.

ETAPA 4 – Discussão em grupo

Com os problemas e os impactos relacionados, chegou o momento de compartilhar as análises do seu grupo com a turma. Neste momento, o objetivo é refletir sobre quais barreiras causam maior impacto e quais poderiam ser solucionadas com ações concretas.

ETAPA 5 – Transformando problemas em pergunta norteadora

Com base nos impactos mais significativos, cada grupo deve formular uma pergunta norteadora que busque reduzir ou eliminar esses impactos.

Exemplos de perguntas:

- a. “Como podemos tornar o transporte público acessível para que pessoas com deficiência possam se deslocar de forma segura e independente?”;
- b. “De que forma podemos adaptar escolas e universidades para que estudantes com diferentes tipos de deficiência consigam aprender com igualdade de oportunidades?”;
- c. “Como podemos garantir que espaços culturais e de lazer sejam acessíveis e inclusivos para todos os públicos?”.

ETAPA 6: Validação da pergunta

- Cada grupo apresenta sua pergunta para a turma;
- A turma debate: a pergunta é clara, focada em impacto e viável de investigar?;
- Caso necessário, revisem a pergunta em conjunto, mantendo o foco nas necessidades reais da comunidade.



Passo 3:

Ideação

Agora é hora de transformar a compreensão do problema em soluções possíveis. A ideação é o momento de explorar, imaginar e criar alternativas que possam melhorar a vida das pessoas com deficiência.

Como trabalhar nesta etapa:

- Pense nos problemas que você mapeou e nos impactos que eles causam. Como poderíamos reduzi-los ou eliminá-los?;
- Gere várias ideias diferentes, sem julgar se são viáveis ou não. O importante é explorar possibilidades;
- Registre suas ideias por escrito ou com desenhos, esquemas ou mapas visuais, para facilitar a análise posterior;

- Considere soluções que contemplem diferentes tipos de deficiência e diferentes espaços da vida cotidiana: escolas, transportes, espaços de lazer, trabalho e espaços urbanos;
- Observe as relações entre ideias: algumas soluções podem se combinar para gerar alternativas mais completas e impactantes.

Lembre-se de que a ideação não é sobre colocar a solução em prática imediatamente, mas sim sobre imaginar caminhos que possam transformar o cotidiano das pessoas com deficiência. É o momento de pensar em soluções que respeitem diferenças, promovam inclusão e reduzam barreiras sociais, físicas, cognitivas e sensoriais.

Atividade 1 – A jornada da solução

Com a pergunta norteadora criada, chegou o momento de examinar possibilidades de ideias de solução. Esta atividade explora a construção de histórias, como uma forma de fomentar a criatividade e potencializar a formulação de propostas de solução para o problema selecionado.

Nesta atividade, vocês vão imaginar a jornada de uma pessoa com deficiência, no processo de superar os desafios que estão ao seu redor no dia a dia. O objetivo é estimular a empatia e a criatividade, por meio da formulação de narrativas.

ETAPA 1 – Imaginando a jornada

Com seu grupo, imagine uma pessoa com deficiência enfrentando uma barreira cotidiana (o problema identificado na etapa anterior). Por exemplo: a dificuldade de uma pessoa cega atravessar uma praça sem piso tátil e recursos de acessibilidade.

Vocês devem redigir o cenário imaginado, com riqueza de detalhes, na forma de uma história que demonstre de modo realista o impacto do desafio na vida do personagem.

ETAPA 2 – Imaginando soluções

Com os desafios bem detalhados e descritos, chegou a hora de imaginar uma ferramenta que auxilie o personagem central da história a ultrapassar as barreiras que o cercam. A ideia é que esta ferramenta seja um conceito de solução para o problema. Por exemplo, um aplicativo que mapeie os obstáculos da praça e guie o personagem por áudio através desse espaço.

ETAPA 3 – Concluindo a jornada

Chegou o momento de concluir a narrativa, demonstrando como a solução imaginada por vocês impacta o cotidiano do personagem principal, levando-o a superar os problemas iniciais.

O objetivo é que a criação da narrativa ajude você e seu grupo a manter a solução conectada às necessidades reais do público alvo.

ETAPA 4 – Socialização

Agora que todos os grupos já criaram as suas narrativas, chegou o momento de compartilhá-las com a turma.

Neste momento, é importante que todos escutem com atenção as apresentações, para dar e receber ideias de aperfeiçoamento das soluções uns dos outros. Não deixe também de anotar as sugestões recebidas: elas serão muito úteis na fase de desenvolvimento da solução.

Atividade 2 – O chapéu das soluções

Esta atividade estimula os grupos a olhar para o problema de trabalho a partir de diferentes perspectivas, gerando conceitos que uma tempestade de ideias comum não alcançaria. O objetivo é utilizar o pensamento lateral – técnica criativa que usa abordagens não lineares e indiretas para explorar diferentes pontos de vista e gerar soluções inovadoras de problemas.

Cada estudante, ou grupo de estudantes, é designado a pensar a partir de uma persona – o chapéu – com um ponto de vista específico, forçando-os a sair de sua zona de conforto e explorar ângulos inusitados.

ETAPA 1 – Os chapéus

Para começar os estudantes vão sortear uma persona de trabalho, que será marcada por chapéus, ou cartões.

- **O futurista:** este grupo deve pensar necessariamente em uma solução tecnológica e inovadora;
- **O colaborador:** a solução imaginada por este grupo deve demandar a cooperação de várias pessoas ou da comunidade;
- **O artista:** para este grupo, as soluções vão precisar envolver arte e cultura.
- **O minimalista:** o grupo com esse chapéu precisa pensar em uma solução simples e de baixo custo;

Observação: caso a turma ou o(a) professor(a) considere pertinente, novos chapéus podem ser criados em substituição aos que são sugeridos acima.

ETAPA 2 – Rodada de ideias

Depois de definido o chapéu de cada grupo, chegou a hora de imaginar o maior número possível de soluções a partir da pergunta norteadora, no tempo definido pelo professor.

É importante que as ideias sejam registradas em uma folha que acompanhe o grupo até o final da atividade. Nesta etapa, é importante não censurar nenhuma ideia: o objetivo é ter uma grande quantidade de propostas.

Ao fim do tempo determinado, os grupos devem mudar de chapéu e retomar o processo de ideação, até que todos tenham experimentado todos os chapéus.

ETAPA 3 – Apresentação e votação

Ao fim do processo de ideação, cada grupo deve votar na ideia que mais gostou para solucionar o problema de trabalho, pensando no impacto e na viabilidade da solução.

Quando todos os grupos tiverem selecionado a proposta finalista, eles deverão apresentá-las para a turma, para que possam receber sugestões de aperfeiçoamento.



xavierarau/istockphoto



Passo 4:

Planejamento

Após a fase criativa da ideação, chegou o momento de ancorar suas ideias na realidade. Nesta etapa, vocês serão incentivados a construir um plano estratégico para que a solução escolhida possa, de fato, gerar um impacto real na vida das pessoas com deficiência.

Vocês vão definir objetivos específicos, identificar os recursos necessários, estabelecer um cronograma realista, antecipar possíveis desafios e planejar como superá-los.

É importante ter em mente que o planejamento é a ponte entre a imaginação e a ação concreta, que vai ajudar vocês a pensar em como suas propostas podem ser implementadas de forma sensível, viável e significativa dentro do contexto social e cultural investigado.

Questões-chave para o planejamento:

- **Objetivos específicos:** pensem quais são os resultados esperados com a solução. Como vocês poderão identificar se estes resultados podem ser alcançados?;
- **Recursos demandados:** que recursos serão necessários para a implementação da solução? (Importante incluir materiais, financiamento, apoio técnico e comunitário);
- **Cronograma:** quais são os passos necessários para a implementação da solução? Quanto tempo cada passo vai tomar? Quem será o responsável por cada passo?;
- **Desafios:** que desafios podem surgir ao longo do processo de implementação da solução? Como poderemos contorná-los?

Atividade 1 – Plano de voo

Após a fase de ideação, os grupos já selecionaram uma solução para ser desenvolvida. Agora chegou a hora de transformar esta ideia em um plano de ação concreto. Vamos fazer isso como quem cria um plano de voo.

O objetivo desta atividade é traduzir as ideias abstratas de solução em um plano de ação detalhado, utilizando a metáfora do plano de voo.

ETAPA 1 – Entendendo a analogia

Nesta etapa, os grupos vão entrar em contato com a analogia do projeto como uma viagem de avião. Deste modo, a ideia de solução é o destino e a proposta desta atividade é montar o plano de voo, para que o avião possa chegar ao destino.

ETAPA 2 – O guia de voo

Para estruturar o seu plano de voo, cada grupo receberá um guia, como o exemplo abaixo

Guia de voo	
Destino: (Onde queremos chegar?)	Aqui a solução almejada deve ser descrita de forma clara e objetiva.
Passageiros e tripulação: (Quem fará o que?)	Nesta seção, todas as etapas são descritas e são destinadas a um responsável.
Recursos: (De que precisamos para decolar?)	Nesta seção serão incluídos recursos materiais, apoio técnico e recursos humanos.
Rota de voo: (Quando e como faremos?)	Esta seção se destina ao cronograma detalhado do projeto.
Tempo de voo e planos para turbulências: (Quais são os possíveis desafios e imprevistos que enfrentaremos e como planejamos superá-los?)	Este espaço é destinado a tudo o que pode dar errado e alternativas para cada caso.

Depois de receber o guia de voo e certificar-se de compreender bem o que deve ser preenchido em cada campo, cada grupo deve discutir entre si e preencher de forma detalhada o seu guia.

ETAPA 3 – Socialização e *feedback*

Com os guias preenchidos, cada grupo terá um momento para apresentar o seu plano de voo para o restante da turma. A ideia é que a socialização seja feita na forma de uma narrativa, de tal modo que todos consigam entender os objetivos e processos envolvidos no projeto e sejam capazes de oferecer sugestões de aperfeiçoamento.

É importante que os grupos anotem as sugestões, para que possam aperfeiçoar os seus planos de voo antes de partir para a fase de execução.



Passo 5:

Execução

A execução é o momento em que vocês terão a oportunidade de colocar a mão na massa e dar vida à solução que idealizaram. Esta etapa é crucial, pois permite que vocês testem as estratégias elaboradas no plano de voo, enfrentando os desafios reais e aprendendo a se adaptar.

Neste momento, proatividade, colaboração e resiliência são elementos fundamentais para o sucesso do projeto. É também muito importante validar os erros e os imprevistos, pois eles são oportunidades de aprendizado. Encare os obstáculos não como fracassos, mas como pistas que indicam o que precisa ser ajustado.

Ao testarem suas soluções, vocês poderão coletar *feedbacks* valiosos, ajustar o percurso e assim desenvolver propostas ainda mais alinhadas às necessidades reais do seu público-alvo. Vamos lá?

Atividade 1 – Testes de voo

Depois de planejar a solução, chegou a hora de colocá-la em prática, de forma organizada e estratégica. Para isso, vamos utilizar o plano de voo, construído na etapa anterior, para realizar alguns testes de voo – ou seja, para avaliar que aspectos da solução podem ser aperfeiçoados, antes dela estar totalmente pronta.

O objetivo desta atividade é executar o plano de ação de maneira sistemática, documentando o processo de prototipagem, teste e ajuste.

ETAPA 1 – Antes da prototipagem

Antes de partir para a elaboração final da solução, é importante entender, de forma rápida, segura e barata como ela pode funcionar. Ou seja, é importante testar a solução. Chamamos este processo de testes prévios de prototipagem.

A prototipagem pode ser feita de formas distintas, dependendo da natureza do projeto. Em linhas gerais, a ideia é que seja possível testar a solução de forma rápida, barata e o mais próximo possível do uso que ela terá quando for implementada.

Assim, para ambientar-se com o processo de testes, cada grupo, observando o plano de voo previamente estruturado, deve imaginar que tipos de testes podem ser feitos com a solução imaginada e como cada teste será avaliado.

Para sistematizar o processo de prototipagem, os grupos deverão preencher a proposta de testes, como esquematizada abaixo:

Propostas de teste:

Teste	Quando?	O que observar?	Com quem?

ETAPA 2 – Testando soluções

Para que os protótipos possam ser o mais eficientes possível, é fundamental que os testes sejam detalhadamente registrados e analisados, para oferecer oportunidades de aperfeiçoamento no protótipo. Por isso, é importante ter uma ferramenta de registro sistematizada que centralize todos os elementos significativos de cada teste, como sugerido abaixo:

Checklist de testes de voo

Teste	Aspectos observados	Feedback recebido	Ajuste sugerido	Decisão
Identificação do teste (tipo, data, hora, público-alvo)	• O que funcionou? • O que não funcionou? • O que foi inesperado?	O que os participantes do teste relataram sobre a solução?	Diante dos resultados, quais mudanças são sugeridas para o protótipo?	Diante do custo e do impacto, o ajuste será ou não realizado?

Esse processo é fundamental para o sucesso de um projeto. Dessa forma, é importante tirar proveito das análises de cada teste e aperfeiçoar o protótipo tanto quanto possível. Porém, é importante avaliar o impacto de cada ajuste sugerido pelos testes para o sucesso do funcionamento do protótipo e o custo que eles exigem para serem executados – tanto em termos de tempo disponível, quanto em termos de recursos materiais.

Para isso, ao observar o *checklist* de cada teste de voo, o grupo deve debater sobre a viabilidade de cada ajuste sugerido pelos resultados e decidir se será ou não realizado, tendo em mente que os ajustes ideais são aqueles que são simples (custam pouco e são facilmente realizados) e que geram grandes impactos positivos para os usuários.

ETAPA 3 – Avaliação do processo de testes

Após o ciclo de testes e terminado o processo de aperfeiçoamento, é importante que o grupo dialogue e registre as aprendizagens desenvolvidas, avaliando quais decisões foram fundamentais para que a solução pudesse ser implementada e o que poderia ter sido feito diferente.



Passo 6:

Socialização

Parabéns, você chegou ao fim da jornada do projeto! Chegou o momento de compartilhar com todo mundo o que vocês aprenderam e criaram!

Socializar não é apenas apresentar um trabalho: é uma oportunidade de inspirar outras pessoas e de mostrar que é possível fazer a diferença.

Nesta etapa vocês vão compartilhar a sua solução, contar os desafios que enfrentaram, como conseguiram superá-los e – principalmente – demonstrar o impacto que o projeto de vocês pode gerar.

É o momento de pensar: para quem vocês querem falar? Como a sua mensagem será mais eficaz? Preparem-se para contar a história do projeto, valorizando cada passo da jornada, e mostrar como o conhecimento sobre os direitos das pessoas com deficiência pode se transformar em ação e inclusão.

Atividade 1 – Galeria de soluções

O momento da socialização é a chance de inspirar outras pessoas e de mostrar como a solução criada pode fazer a diferença. A ideia desta atividade é criar uma verdadeira galeria na qual todas as soluções desenvolvidas possam ter o seu espaço de demonstração.

O objetivo de socializar os projetos, de forma interativa e visual, é comunicar tanto as soluções como o processo de desenvolvimento dos projetos.

ETAPA 1 – Planejando o evento

Antes de montar a exposição, é importante ter em mente algumas informações básicas:

a. O que será exposto?

Pensando em todos os projetos desenvolvidos pela turma, é preciso levar em conta não apenas as soluções finais, mas também o processo de desenvolvimento. Por isso, é importante definir um espaço adequado para a montagem da galeria, de tal maneira que cada grupo possa organizar a sua exposição e detalhar o seu processo de desenvolvimento de forma intencional e organizada.

b. Qual seria o público ideal para visitar a galeria?

Professores, outros estudantes, comunidade externa, pesquisadores que auxiliaram no processo de desenvolvimento do projeto: essas são algumas das pessoas que podem se beneficiar da visita à galeria. Por isso, tendo em mente o espaço disponível, o próximo passo é definir quem serão os visitantes, pensando também na melhor forma de se comunicar com eles – afinal, a linguagem voltada para o público adulto é uma e para estudantes é outra.

ETAPA 2 – A curadoria da exposição

Com tudo planejado, chegou a hora de montar a exposição. Neste momento, é importante que cada grupo utilize o espaço e os recursos disponibilizados para estruturar a exibição da sua solução e do processo de desenvolvimento do seu projeto.

Para auxiliar no processo de organização da mostra, utilizem o “Guia do curador”, que contém os elementos centrais que precisam ficar claros para todos que visitarem a galeria.

GUIA DO CURADOR

O problema: Qual foi a barreira que vocês investigaram e decidiram resolver?

A solução: Qual a solução criada pelo grupo e que diferenciais ela apresenta?

O impacto: Como o projeto do grupo pode mudar a vida das pessoas com deficiência?

Com o guia preenchido, organize o espaço de forma didática, para que o percurso de desenvolvimento do projeto fique claro e o público da exposição consiga perceber com clareza esse caminho – desde a relevância do problema até as aprendizagens que ocorreram para que a solução fosse desenvolvida e o impacto desejado se tornasse possível.

ETAPA 3 – A abertura da galeria

O momento tão esperado chegou! Nesta etapa, todas as pessoas que vocês convidaram vão poder visitar e aprender com os trabalhos que foram desenvolvidos.

Para que essa experiência possa ser ainda mais inspiradora, é importante que cada membro do grupo saiba qual é o seu papel durante a exposição:

- Alguns serão os expositores do processo de desenvolvimento;
- Outros serão responsáveis por responder perguntas, baseando-se nos dados da pesquisa;
- Outros podem se responsabilizar por falar dos próximos passos para a implementação da solução;
- Outros ainda devem se responsabilizar pelos registros do evento, para que a exposição possa ser avaliada após o seu encerramento.

O importante é entender que o objetivo do evento não é dar palestras, mas sim ter conversas significativas e que inspirem os visitantes no sentido da promoção da inclusão.

ETAPA 4 – Avaliando a exposição

Após o evento é importante que vocês dialoguem uns com os outros sobre a experiência:

- O que sentiram ao apresentar o projeto?
- Quais foram os principais comentários?
- O que aprenderam com os visitantes?

Expediente

Este roteiro pedagógico foi inspirado pelo projeto “**Linhas do Tempo**”, desenvolvido pela Fundação FHC para retratar a história social e política do Brasil entre 1985 e 2018. Neste registro histórico, são levantados temas centrais para a construção da cidadania e da democracia no Brasil: direitos de minorias (negros, mulheres, indígenas, LGBTQIAPN+), meio ambiente, uso e propriedade da terra, educação e saúde.

Porvir

Diretora Executiva:
Tatiana Klix

Idealização do projeto:
Marina Lopes
Regiany Silva
Tatiana Klix

Edição do roteiro:
Danilo Mekari

Autoria do roteiro:
Renata Salomone
Heloize Charret

Direção de arte:
Regiany Silva

Diagramação:
Manuela Ribeiro

Revisão de texto:
Vinícius de Oliveira

Fundação FHC

Direção Geral:
Sergio Fausto

Cocriação temática e revisão técnica do roteiro:
Beatriz Kipnis
Isabel Penz
Sergio Fausto



F U N D A Ç Ã O

F E R N A N D O
H E N R I Q U E
C A R D O S O